

Particularidades da sintaxe dos predicados verbais e do ensino da transitividade no 2º Ciclo EB

Celda Morgado Choupina

Escola Superior de Educação (IPP)

Centro de Investigação em Educação (InED), Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP)

celda@ese.ipp.pt

Resumo

Neste texto faz-se uma abordagem sintática dos predicados verbais e discutem-se algumas questões levantadas pela integração dos verbos em subclasses sintáticas, tendo em conta as noções de intransitividade e transitividade. Por um lado, as noções envolvidas na definição dos termos transitividade e intransitividade são várias e heterogêneas, embora, historicamente, ligadas pelas noções de “*passagem*” e “*ação*”. Por outro, a classificação dos verbos com base na propriedade da transitividade (verbos intransitivos vs. verbos transitivos) é uma questão controversa, que não pode depender exclusivamente dos itens lexicais e das suas possíveis propriedades abstratas e/ou descontextualizadas sintaticamente (Choupina, 2013). Existem, em Português, diversas construções com verbos de alternância transitiva/intransitiva que põem em causa as noções clássicas. Assim, faremos, neste texto, uma reflexão crítica em torno destas noções e das implicações que estas possam ter no ensino do Português, analisando casos de verbos que são problemáticos na classificação sintática, por admitirem alternância (Duarte & Brito, 2003) ou graus diferentes de transitividade (Hopper & Tompson, 1980). Abordaremos, ainda, o verbo como núcleo dos predicados verbais e algumas das suas particularidades sintáticas e a forma como estas se encontram projetadas nos documentos reguladores do Ensino do Português no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Palavras-chave: Predicados verbais; Subclasses sintáticas do verbo; Transitividade; Intransitividade, Ensino.

Abstract

In this paper we'll make a syntactic approach on verbal predicates and discuss some issues raised by the integration of verbs in syntactic subclasses, taking into account the notions of intransitivity/transitivity. On the one hand, the concepts involved in the definition of transitivity/intransitivity terms are various and heterogeneous, although historically linked by the notions of "passage" and "action". Moreover, the verbs classification based on the transitivity property (intransitive vs. transitive verbs) is a controversial issue, which cannot rely exclusively on the lexical items and their possible abstract properties syntactically decontextualized (Choupina, 2013). In Portuguese there are several constructions with alternating transitive / intransitive verbs which call into question the classical notions. Therefore, in this text, we'll make a critical reflection on these concepts and the implications they may have in the Portuguese teaching, by analyzing cases of verbs that are problematic in the syntactic classification, as they admit alternation (Duarte & Brito, 2003) or different transitivity degrees (Hopper & Thompson, 1980). We'll also reflect on the verb as the verbal predicates nuclei and some of its syntactic particularities and how these ones are projected in the regulatory documents of the Portuguese Language Teaching in the 2nd Cycle of Basic Education.

Keywords: verbal predicates; Syntactic verb subclasses; Transitivity; Intransitivity, Education.

0. Considerações introdutórias

Como docentes de Português, no Ensino Básico e Secundário, e de Linguística Descritiva das Línguas Portuguesa e Gestual Portuguesa, na formação de professores e de intérpretes, e como formadoras, na formação contínua, sempre constatámos a dificuldade dos alunos em compreenderem e dos docentes em ensinarem certos aspetos ligados à sintaxe do verbo, nomeadamente a questão da transitividade/intransitividade e a classificação sintática dos verbos enquanto predicadores nucleares da frase, pelo que, com este texto, pretendemos contribuir para o entendimento e a orientação das práticas de ensino no âmbito dos assuntos ligados à sintaxe do predicado verbal e às questões da transitividade.

Não há dúvida, desde os estudos Chomskyanos sobre a estruturação da gramática das línguas e o seu entendimento de Gramática Universal, que o conhecimento intuitivo do falante desempenha um papel fundamental na aquisição da linguagem verbal e no ato comunicativo, sendo este responsável pelo aparecimento e desenvolvimento da gramática do falante (gramática interiorizada).

A gramática de uma língua compõe-se de vários domínios (a Fonética e a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe, a Semântica, a Lexicologia, o Texto e os Discursos e a Pragmática), sendo que o falante vai adquirindo e desenvolvendo capacidades de produção, compreensão e reflexão nas várias componentes. É neste sentido que o falante reconhece a existência de palavras de classes diferentes, com propriedades e funcionamento distinto nos discursos, e vai adquirindo uma mestria na sua formação e uso. As propriedades e categorias de variação das várias classes de palavras são definidas a partir do contributo das várias áreas ou componentes da gramática. As classes de palavras podem agrupar-se segundo três eixos: (i) a capacidade para incorporar palavras novas; (ii) a possibilidade de variação; (iii) o significado que as compõe e a referência; (iv) a nuclearidade sintática.

(i) Ao nível lexical, quanto ao enriquecimento do léxico, algumas classes de palavras não permitem a entrada ou saída de elementos – são as chamadas classes fechadas (determinantes e quantificadores, pronomes, preposições e locuções prepositivas, conjunções e locuções conjuncionais); enquanto outras permitem, estando em constante renovação e alargamento – são as classes abertas (nomes, verbos, adjetivos, advérbios e interjeições).

(ii) Tendo em conta a variação, uma propriedade morfológica, podemos agrupar as palavras em classes variáveis (nomes, verbos, adjetivos, pronomes, determinantes e

quantificadores) e classes invariáveis (advérbios, preposições e locuções prepositivas, conjunções e locuções conjuncionais, interjeições).

(iii) O significado lexical (específico de nomes, verbos, adjetivos, advérbios e interjeições) e o significado funcional ou gramatical (próprio de determinantes e quantificadores, pronomes, preposições e locuções prepositivas, conjunções e locuções conjuncionais) são também propriedades que permitem organizar as classes de palavras de modo particular, sendo um aspeto importante aquando da especificação destas classes no ensino do Português.

(iv) No que se refere à nuclearidade - propriedade das palavras que podem ser núcleos de grupos sintáticos, pela sua capacidade argumentativa - podemos considerar as nucleares e as não nucleares. As classes nucleares são, normalmente, os nomes, os verbos, os adjetivos, os advérbios e as preposições, sendo núcleos dos respetivos grupos sintáticos ou sintagmas.

O verbo, classe que nos ocupa neste artigo, é definido com recurso a várias áreas da gramática, sendo uma classe aberta, variável, com significado lexical e nuclear na semântica e na sintaxe da frase. O *verbo* é o elemento nuclear do *grupo* ou *sintagma verbal*, que desempenha a função sintática de *Predicado*, criando simultaneamente uma *predicação semântica* e uma *predicação sintática* acerca de uma entidade - o *sujeito*.

Neste texto ocupar-nos-emos, assim, do estudo do *verbo*, definindo a sua relevância no âmbito do *Predicado* e refletindo sobre a sua presença e proposta de abordagem nas *Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (Buescu *et al.*, 2012), especificamente no 2.º Ciclo. Neste documento regulador do ensino, o *verbo* é referenciado em descritores de desempenho e objetivos de diferentes domínios de referência, sendo que nos centraremos apenas no Domínio da Gramática, uma vez que é aqui que a problemática de identificação, descrição e análise do seu funcionamento se coloca, e neste, por sua vez, essencialmente no plano sintático.

Desta forma, este artigo encontra-se organizado em 3 secções: na primeira, faz-se uma abordagem às noções básicas em Sintaxe; na segunda, problematizam-se as noções de transitividade e intransitividade e, na terceira, aborda-se descritiva e pedagogicamente o verbo e o predicado, bem como as propriedades sintáticas das subclasses de verbos. Finalizaremos a última secção com uma breve reflexão sobre as noções de intransitividade e transitividade, dado o seu papel na organização dos tipos e subtipos sintáticos de verbos e a sua relevância no ensino do Português no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

1. Noções básicas em Sintaxe

A Sintaxe é o domínio da gramática de uma língua responsável pela combinação de palavras em grupos (ou sintagmas) e frases. As regras de colocação e concordância das palavras e dos sintagmas em frases adquirem-se intuitivamente, durante o desenvolvimento de uma Língua Materna, por exposição direta à Língua e sem recurso ao pensamento. O conhecimento intuitivo¹ dota o falante da capacidade de produzir e compreender enunciados nunca antes produzidos e ouvidos, assim como da capacidade de exprimir juízos de valor acerca da gramaticalidade de produções linguísticas na sua Língua Materna (cf., entre outros, Sim-Sim, 1998). Assim, qualquer falante do Português, num estágio de desenvolvimento linguístico considerado adulto, sabe que as produções apresentadas em (1) a (4) são agramaticais² (mal formadas segundo as regras da gramática), sabe identificar e corrigir o erro e, dependendo da reflexão linguística, sabe explicar a agramaticalidade.

- (1) *O bebés dormem muito.
- (2) *Os alunos estuda para os exames.
- (3) *Os alunos realizam para os exames.
- (4) *Os estudam alunos para os exames.

No interior de uma frase, o nome, núcleo nominal do grupo nominal sujeito, desencadeia a concordância com as restantes palavras desse sintagma – a agramaticalidade em (1) deve-se à falta de concordância de plural do determinante artigo com o nome -, assim como com verbo – a má formação do exemplo em (2) decorre da falta de concordância em número entre o sujeito e o verbo.

Na frase apresentada em (3), a agramaticalidade deve-se ao uso inapropriado da preposição “para”, uma vez que o verbo *realizar* não rege preposição a iniciar o complemento, por ser um complemento direto categorialmente nominal (GN).

A sintaxe, como se referiu anteriormente, para além da concordância e da regência, ocupa-se também do estudo da combinação das palavras nos sintagmas e nas frases e da

¹ O conhecimento intuitivo é “o conhecimento mental «puro» de uma língua particular por parte do sujeito falante” (Raposo, 1992: 31), sendo o que compõe a sua gramática interiorizada e lhe permite ser competente comunicativamente.

² Assinalaremos as frases agramaticais com um asterisco (*) e as pouco aceitáveis ou marginais com ponto de interrogação (?).

posição que estas ocupam. A agramaticalidade do exemplo em (4) decorre da troca de posições do verbo e do nome *alunos*, núcleo do sujeito.

Observemos ainda, nas frases que se seguem, as palavras a negrito.

(5) O jardineiro **planta_V** a **planta_N**.

(6) a. Os **seres_N** vivos existem na Natureza.

b. Para tu **seres_V** um bom cidadão, deves participar ativamente nas decisões políticas.

Em (5), *planta* surge como um verbo na primeira ocorrência, sendo o núcleo do *predicado* e como um nome na segunda, ocupando a posição nuclear de um grupo nominal exigido pelo verbo, o *complemento direto*. Em (6), ambas as frases contêm uma palavra que foneticamente parece a mesma (*seres*), mas que, pelo contexto sintático em que ocorre, pertence à classe dos nomes em (6a), sendo o núcleo do grupo nominal sujeito, e à classe dos verbos em (6b), ocupando a posição de núcleo do grupo verbal da frase subordinada. Nesta perspetiva se mostra a importância da posição para a adequada identificação da classe de palavras e da função que desempenha no sintagma e na frase, com implicações diretas na interpretação semântica destes enunciados.

As palavras organizam-se, assim, em **grupos** ou **sintagmas**, sendo que uma palavra (ou expressão) em cada sintagma desempenha a função de **núcleo**, desencadeando a **concordância** dentro desse sintagma e entre sintagmas, determinando a **posição** das restantes palavras e as **relações** sintáticas e semânticas que se estabelecem entre elas.

(7) [Os alunos aplicados estudam para os exames]_F.

[Os **alunos**_{núcleo} aplicados]_{GN} [**estudam**_{núcleo} para os exames]_{GV}.

[estudam [**para**_{núcleo} os exames]_{GPrep}]_{GV}

[estudam [para [os **exames**_{núcleo}]_{GN}]_{GPrep}]_{GV}

A frase em (7) é composta por sete palavras³, que se organizam, inicialmente, em torno de dois núcleos (um **nome** e um **verbo**) e que formam dois grandes grupos ou

³ O termo palavra é genérico e bastante complexo, pode estar a referir-se a diferentes noções conforme a área da gramática em que se está a trabalhar. Na ortografia, “palavra ortográfica” designa toda e qualquer sequência de caracteres delimitada entre espaços em branco (<de>, <nesto>, <casa> e <2015> são exemplos de palavras ortográficas). Em Morfologia, “palavra morfológica” é a sequência em que se realizam certas categorias morfológicas como o número ou a flexão verbal, tendo uma estrutura interna que inclui um radical, constituintes temáticos e, frequentemente, afixos (<cantou>, <casamento>, <mesa>, <de> e <me> são palavras morfológicas). Ao nível fonológico, “palavra fonológica ou prosódica” define-se como uma sequência com um único acento principal, com características morfológicas mas que pode não coincidir com a palavra morfológica (<guarda-roupa> integra duas palavras prosódicas, porque tem dois acentos tónicos, mas apenas uma palavra morfológica; <vende-se> e <a menina> são exemplos de sequências com duas palavras morfológicas e apenas uma prosódica). Poderemos ainda aplicar o termo palavra à realização fonética de uma sequência concreta (cf. Mateus *et al.*, 2005: 291-301; Villalva, 2008: 17-25).

sintagmas - o GN, *Os alunos aplicados*, e o GV, *estudam para os exames* – sendo denominados **constituintes imediatos** de frase. Hierarquicamente estes dois grupos são os constituintes mais altos da estrutura sintática, dependendo diretamente da frase e desempenhando as funções sintáticas de *sujeito* e de *predicado*.

No GN *os alunos aplicados*, o núcleo é um nome (*alunos*) e motiva a concordância em género (masculino) e número (plural) do determinante artigo anteposto (*os*) e do adjetivo⁴ posposto (*aplicados*). Este constituinte imediato desempenha a **função sintática** de sujeito, podendo ser substituído por um pronome pessoal tónico com a mesma função, como se verifica pela aplicação do teste de pronominalização em (8).

- (8) a) \checkmark [Eles] = os alunos aplicados estudam para os exames.
b) *[Eles aplicados] = os alunos estudam para os exames.
c) [*Os/*lhes] = os alunos aplicados estudam para os exames

No GV *estudam para os exames*, o núcleo é o verbo (*estudam*), concorda com o GN Sujeito em número e pessoa e seleciona um **complemento** ou **argumento interno**, da **categoria** preposicional (GPrep), *para os exames*. Em termos de **hierarquia**, o GPrep é interno ao GV, sendo por ele selecionado e nele estando incluído; portanto, o GPrep é um **constituente interno** ao Predicado; embora seja um **constituente principal** da frase, não é constituinte imediato.

Vejam-se, nos exemplos em (9) a (13), os diferentes grupos sintáticos e os respetivos núcleos, que se encontram sublinhados, em frases simples (cf. Mateus *et al.*, 2003; DT⁵ [*on-line*], 2008).

- (9) a) [Os livros]_{GN} estão em cima da mesa.
b) [Os livros de Linguística]_{GN} estão em cima da mesa.
(10) a) A Maria é [bonita]_{GAdj}.
b) A Maria é [muito bonita]_{GAdj}.
(11) a) Os alunos [estudam]_{GV}.
b) Os alunos [estudam para os exames]_{GV}.
(12) [Ontem]_{GAdv}, vi uma amiga de infância.
(13) a) O João viu um espetáculo [de música]_{GPrep}.
b) O João viu um espetáculo [de música clássica]_{GPrep}.

⁴ O nome tem mais afinidades com o determinante artigo do que com o adjetivo porque estabelece com ele uma unidade prosódica, a palavra prosódica. Razão que pode vir a explicar o erro ortográfico de algumas crianças quando iniciam a escrita da língua, escrevendo o determinante junto do nome, sem espaço gráfico.

⁵ Dicionário Terminológico (DT).

Como se pode observar pelos exemplos anteriores, independentemente da estrutura e da extensão do grupo em questão, o núcleo mantém-se o mesmo e define as concordâncias. Concordância é o termo que define os processos gramaticais que permitem que duas ou mais unidades linguísticas partilhem os mesmos traços, como número, género, pessoa. Ainda que a concordância possa ser visível na morfologia das palavras (por exemplo, nos afixos), é eminentemente um processo sintático, tal como afirma Brito (2003): “[a concordância] é essencialmente um processo sintático com reflexos morfológicos, na medida em que opera entre certas palavras sob certas condições estruturais” (Brito, 2003: 403-404).

Outro dos temas da sintaxe é a ordem das palavras na frase. Tradicionalmente considerada uma língua de ordem básica *sujeito – verbo – objeto* (SVO), o Português permite algumas inversões, como é o caso de frases exclamativas, interrogativas ou topicalizadas.

A inversão da ordem básica em frases simples declarativas pode, porém, gerar agramaticalidade, como em (14), ou diferentes interpretações (15).

(14) *O carro o autocarro segue.

(15) a) [O carro] segue [o autocarro].

b) [O autocarro] segue [o carro].

2. Problematização das noções de transitividade e intransitividade

No âmbito sintático, definir a classe do verbo e estabelecer subclasses implica, tradicionalmente, convocar as noções de transitividade e intransitividade. Os termos transitividade e intransitividade não surgem, diretamente, no documento das Metas Curriculares (Buescu *et al.*, 2012); porém, estas noções são convocadas nos descritores relativos às classes de palavras, aquando das subclasses do verbo, especificamente no 6.º ano (G6; obj. 22; desc. 1.).

A definição de transitividade, problemática transversal aos diferentes tempos e teorias linguísticas, é marcada por vários pontos de vista, desde a gramática à filosofia.

Nas gramáticas latinas, a transitividade era vista como propriedade da oração, sendo que as orações transitivas eram aquelas que podiam passar (do latim *trans + ire*) de ativas a passivas. Esta noção é adotada pelas gramáticas descritivas tradicionais durante muito tempo. Segundo Ernout & Thomas (1964), e tendo o Latim como enquadramento, “il n’y a pas entre verbes transitifs et verbes intransitifs une distinction absolue. Et le passage d’une catégorie à l’autre était fréquent” (Ernout & Thomas, 1964: 211). No Latim, numerosos verbos passam de intransitivos a transitivos e vice-versa: (i) verbos isolados são considerados intransitivos e tornam-se transitivos, como *ire/adire aliquem*; (ii) verbos

transitivos tornam-se intransitivos em certas construções, *differre/ferre*, *sufficere/facere*. Neste sentido, vários verbos transitivos usados absolutamente, sem complemento expresso, praticamente não se distinguem dos intransitivos.

Do mesmo modo, nos gramáticos portugueses renascentistas, encontra-se a noção de verbo ativo como capaz de passivizar, por oposição aos intransitivos. Em João de Barros (1539-40), adiciona-se à origem da divisão dos verbos entre transitivos e intransitivos a noção de passagem ou transferência.

Os verbos pessoais “ou pássa a sua auçám em outra cousa ou nam. Ôs que pássam, chamam-lhe os Latinos transitivos, que quér dizer pa[s]adores [...] Os vérbos pessoáes, cuja auçám nam pássa em outra cousa, sam ôs que pròpriamente se pódem chamár neutros e que depois de si nam quérem cáso [...]” (Barros, 1539-40 [1971]: 352-353).

Esta conceção de transitividade como passagem da ação a um complemento encontra-se também em Jerónimo Soares Barbosa (1822 [2004]), na *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*:

“[se a significação do verbo] exprime huma qualidade, estado, ou acção, que fica no mesmo sujeito do verbo, sem pedir objecto algum ou termo, em que passe; o verbo adjectivo chama-se então *Intransitivo* [...]. Se porêm a significação do verbo he relativa, ou porque exprime huma acção, que pede depois de si hum objecto, em que se exercite, ou huma qualidade, que pede hum termo a que se dirija; chama-se então *Transitivo*, que pôde ser ou *Activo so*, ou *Relativo so*, ou *Activo e Relativo* ao mesmo tempo.” (Barbosa, 1822 [2004]: 296)

Esta última divisão de Barbosa está na base da classificação das gramáticas tradicionais em verbo transitivo direto, indireto e ditransitivo.

Como se pode constatar pela citação anterior, Jerónimo Barbosa convoca mais uma noção, a de significação do verbo. Assim, o verbo adjetivo⁶ pode ter uma significação relativa ou absoluta, sendo a primeira a transitiva e a segunda a intransitiva. O verbo tem uma significação absoluta quando exprime uma qualidade, estado ou ação que fica no sujeito do verbo; não passando essas propriedades para um objeto, o verbo chama-se intransitivo. O verbo tem uma significação relativa, quando exprime uma ação e seleciona um objeto em que se exercita ou quando exprime uma qualidade e seleciona um termo a que se dirige. Neste caso, estamos perante um verbo transitivo porque passa as propriedades expressas a um objeto (e não ficam no próprio sujeito). Ainda segundo este gramático, a distinção entre intransitivo e transitivo seria fácil de fazer, porque aos primeiros nunca se podem fazer as perguntas *A quem* ou *O quê?* e aos segundo sim, por exemplo,

⁶ Barbosa (1822 [2004]: 248) divide o verbo em três tipos: verbo substantivo (*ser*), verbo auxiliar (*haver*, *estar* e *ter*) e verbo adjetivo (todos os restantes).

Amo. A quem? A Deus. Estimo. O que? A virtude. Pertence. A quem? A mim. Dou. O quê? um livro. A quem? A Pedro.

Assim, transitividade, segundo a noção apresentada por Jerónimo Barbosa, é considerada como um fenómeno sintagmático, aplicada às orações com objeto direto, e como um fenómeno paradigmático, porque se aplica a todos os verbos que podem ter objeto (cf. Fiéis, 2002).

Já no século XX, Cunha & Cintra (1984) parecem considerar como noções básicas, no âmbito da transitividade, a noção de regência, que definem como um movimento “lógico irreversível” de um termo regente a um regido.

“as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama regência.” (Cunha & Cintra, 1984: 512).

Estes gramáticos consideram ainda que os verbos nocionais, quanto à predicação, se dividem em intransitivos e transitivos: os intransitivos expressam uma ideia completa [*correr, dormir, morrer, viajar*]; os transitivos exigem sempre o acompanhamento de um sintagma (objeto direto ou indireto) para lhes completar o sentido [*comprar, carecer, dar*] (Cunha & Cintra, 1984: 513). Segundo os autores, é a ligação do verbo com o seu complemento que se denomina regência verbal e pode fazer-se diretamente, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é complemento direto; e indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é complemento indireto. Neste sentido, agrupam-se os verbos com base na sua capacidade de combinação com complementos e segundo a sua função sintática (complemento direto ou complemento indireto).

A ideia de verbo nocionalmente absoluto ou completo perpassou pela tradição gramatical, por oposição à ideia de “passagem” da ação a um objeto direto. No entanto, vários problemas se colocam e diversas questões podem ser formuladas ao analisar os verbos. Em primeiro lugar, nem todos os verbos expressam uma ação, uma vez que o tipo de situação que o verbo e os seus argumentos exprimem depende da sua natureza aspetual, havendo diversos tipos de situações: (i) estados ou situações não dinâmicas (16a) ou situações dinâmicas variadas (processos (16b), processos culminados (16c) ou culminações (16d) (cf. Oliveira, 2003: 134; Duarte & Brito, 2003: 190)

- (16)
- a) O João ama a Maria.
 - b) O menino correu velozmente.
 - c) A chuva derrubou as árvores.
 - d) Os livros caíram da mesa.

Em segundo, a partir de uma breve análise dos verbos considerados pelas gramáticas tradicionais como transitivos verificamos que nem sempre há a passagem de uma “ação” e, por vezes, a “ação” é sofrida pelo sujeito, como é o caso dos verbos *temer*, *recear*, *aproveitar* e *amar* (verbos psicológicos, numa classificação semântica, que não expressam semanticamente uma ação, como se disse anteriormente). Vejam-se os exemplos de (17) por oposição aos de (18).

- (17) a) O João comeu o bolo.
b) O João feriu a Maria.
c) O cão mordeu o menino.
d) A mãe apertou o filho.
- (18) a) O menino temeu a tempestade.
b) O filho receia o pai.
c) Os rapazes aproveitam o sol.
d) O João ama a Maria.

Em (17) a ação é “transferida” para o complemento direto, enquanto em (18) “fica” no sujeito⁷.

A “ação” pode também ser transferida para um complemento indireto, sendo que é o objeto direto que passa de um participante (sujeito sintático e agente semântico) para outro (o objeto indireto). Esse objeto, que é transferido, pode ser semanticamente um Objeto, como *um brinquedo* em (19a), ou um Tema, como *uma boa notícia* em (19b).

- (19) a) A mãe deu um brinquedo ao filho.
b) A mãe deu uma boa notícia ao filho.

Em (19), o Sujeito é Agente e o Complemento Indireto é Beneficiário, no entanto, se a frase for reversa, o sujeito sintático passa a ser Beneficiário, como em (20).

- (20) a) O filho recebeu um brinquedo da mãe.

⁷ Estes exemplos mostram que as conceções de que os verbos expressam uma “ação” e de que essa mesma “ação”, no caso de os verbos serem transitivos, incide sempre no complemento direto estão desatualizadas e marcam uma época de reflexão linguística muito distante da atual. Deve dizer-se que alguns documentos reguladores do ensino do Português, nos ensinamentos básico e secundário, e alguns materiais didáticos ainda contemplam, erradamente, estas conceções, como é o caso dos materiais de apoio à implementação das Metas Curriculares, realizados pelos autores do documento *Metas Curriculares de Português* (Buescu *et al.*, 2012) como suporte das formações feitas aos docentes – onde se pode ler “O complemento direto é o termo sobre o qual direta e imediatamente recai a ação significada pelo verbo”, seguindo-se os exemplos “O Miguel abriu a janela” e “O Rui recebeu o teste de Português” (slide 18 do PowerPoint, Gramática, 2.º Ciclo). Nas tarefas de treino, aparecem atividades com verbos que não cabem na designação de “ação”: *querer*, *compreender*, *amar*, *formar* (=pertencer a um grupo), *respeitar*, *ter*...

b) O filho recebeu uma boa notícia da mãe.

Parece, pelos exemplos analisados, ser necessário encontrar critérios que permitam agrupar os verbos segundo outras propriedades que ultrapassem a noção de passagem ou não de um “ação”, em definição dos termos de transitividade /intransitividade.

Em rotura com a gramática tradicional, os modelos valenciais e funcionalistas do século XX tentaram definir transitividade de forma mais rigorosa. A visão funcionalista de transitividade está muito marcada pela proposta de Hopper & Thompson (1980), tornando-se um marco na revisão desta noção, pela interdependência das componentes sintática, semântica e pragmática na definição de transitividade e intransitividade. Os autores consideram as noções não como duas propriedades opostas e descontínuas, mas como inseridas num contínuo gradativo e escalar. Nesta perspetiva, a transitividade envolve um considerável número de componentes interligadas⁸, das quais o número de participantes, o tipo de ação e a presença/tipo de objeto (complemento verbal) se destacam.

Uma das inovações desta visão de transitividade prende-se com o tipo de propriedades da transitividade, sendo determinadas no discurso e não pré-determinadas por uma qualquer estrutura (argumental, eventiva ou temática) de palavra, normalmente, o verbo. Os autores propõem, assim, isolar as partes/componentes da noção de transitividade e estudar as formas como são codificadas pelas línguas. Identificam os parâmetros da transitividade e sugerem uma escala, com a qual as frases são classificadas. Em frases como (21a) e (20b), o grau com que uma ação é transferida para um objeto determina o quanto esse mesmo objeto é afetado. Em (21a) o objeto é mais afetado do que em (21b), pelo que a primeira frase é mais transitiva que a segunda.

- (21) a) I drank up *the milk*. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Bebi o leite.]
b) I drank some of *the milk*. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Bebi algum do leite.]

A noção de transitividade, vista por uma perspetiva funcionalista, é uma propriedade de toda a oração e pode ser analisada segundo diferentes partes da mesma.

Na Gramática Generativa, os constituintes selecionados pelo verbo, considerado uma categoria nuclear, uma classe de palavras e um predicador sintático e semântico, fazem

⁸ As componentes da oração que contribuem para definir o grau de transitividade na perspetiva de Hopper & Thompson (1980) são os participantes, a ação, o aspeto, a pontualidade, a volição, a afirmação, o modo, a agentividade, a afetação do objeto e a individualidade do objeto.

parte da sua estrutura argumental e os constituintes acrescentados à grelha argumental⁹ são adjuntos ou modificadores (Chomsky, 1995). Nesta perspetiva gramatical, a função de predicado é alargada e passa a incluir não só o verbo como todos os constituintes ou grupos que dele dependam, independentemente de serem ou não obrigatórios, contrariamente ao considerado pelas gramáticas tradicionais (em que o predicado, estruturalmente, era apenas composto pelo verbo).

Defenderemos, no ensino da transitividade e da classificação sintática dos verbos, no âmbito do 2.º Ciclo, uma abordagem escalar de transitividade, considerando o verbo o núcleo do predicado e não uma palavra descontextualizada da linearidade sintática.

3. O verbo e o predicado

3.1. A classificação sintática do verbo

Como já foi referido, o verbo pertence a uma classe de palavras aberta, variável e nuclear. Dadas as suas propriedades, os verbos são muito variados e podem agrupar-se em diferentes subclasses sintáticas.

Conforme Cunha & Cintra (1984), os verbos principais podem ser intransitivos ou transitivos e estes podem apresentar subtipos internos: indiretos, diretos ou diretos e indiretos. O curioso é que já estes autores, considerados da gramática tradicional luso-brasileira, reconhecem que há alguns verbos que têm usos/variantes distintas e podem ser considerados de subclasses diferentes dependendo do contexto sintático em que se encontram, como os exemplos em (22) ilustram para o verbo *perdoar*. Esta sensibilidade dos autores revela reflexão perante diferentes graus de transitividade de um mesmo verbo.

- (22) a) Perdoai sempre (uso intransitivo)
b) Perdoai as ofensas (uso transitivo direto)
c) Perdoai aos inimigos (uso transitivo indireto)
d) Perdoai as ofensas aos inimigos (uso intransitivo direto e indireto)

Cunha & Cintra dão-se conta de possíveis casos de alternância transitiva, conforme o número e o tipo de complementos que o verbo tem, constatando que “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente.” (Cunha & Cintra, 1984: 139). Assim, o mesmo verbo pode surgir em construções diferentes, com um número variável de complementos; todavia, o que os gramáticos não resolvem é como integrar um verbo com variantes distintas numa das classes propostas (transitivo vs. intransitivo).

⁹ A grelha argumental existe, de forma abstrata, nas palavras argumentais ou predicativas e integra informações sobre o número de argumentos e a sua natureza, definindo assim a especificação lexical mínima de uma dada palavra (Duarte & Brito, 2003: 183).

Duarte (2003) e outros autores organizam os verbos em três subclasses: principais, copulativos e auxiliares. Apresentamos exemplos destas subclasses e dos tipos internos no Quadro I.

Quadro I: Subclasses do verbo e tipos internos

Subclasse	tipos internos		Exemplos
verbo principal	intransitivo	impessoal	<i>chover, nevar, trovejar</i>
		inergativo	<i>dormir; tossir; espirrar</i>
		inacusativo	<i>morrer; cair</i>
	transitivo	direto	<i>dizer, beijar</i>
		indireto	<i>ir; vir</i>
		ditransitivo	<i>dar; oferecer</i>
transitivo-predicativo		<i>considerar; ter por; eleger; achar; nomear</i>	
verbo auxiliar	da passiva		<i>ser</i>
	dos tempos compostos		<i>ter e haver</i>
	modal aspetual		<i>poder e dever começar a; acabar de...</i>
verbo copulativo ou predicativo			<i>ser, estar, permanecer, ficar e verbos sinónimos</i>

No âmbito dos verbos principais (termo que surge, pela primeira vez, nas Metas Curriculares (Buescu *et al.*, 2012) no domínio da gramática, no 5.º ano de escolaridade), é o número de argumentos internos ao predicado, ou seja, de complementos, que define a propriedade da transitividade/ intransitividade. Assim, os verbos de 0 argumentos internos ou de 0 argumentos internos com função de complemento, independentemente da existência ou não de sujeito sintático, são intransitivos, como se ilustra com os verbos *chover, espirrar* e *morrer*, no Quadro II.

O sujeito sintático é normalmente selecionado pelo verbo, sendo que há verbos que não o selecionam, como é o caso dos verbos impessoais (*chover, nevar, trovejar, relampejar...*), denominando-se sujeito inexistente (ou expletivo). Normalmente, o sujeito é o argumento externo, porque, embora selecionado pelo verbo, ele é externo ao grupo verbal ou predicado. No entanto, há um grupo de verbos cujo sujeito é gerado internamente ao grupo verbal, são os verbos inacusativos – sendo o sujeito, nestes casos, um argumento interno, como em “a vítima do acidente” nos exemplos com o verbo *morrer* (23). O sujeito pode, sintaticamente, ser substituído por um pronome pessoal tónico, sendo que este ocupa

a posição e as funções sintática e semântica do GN na sua totalidade e não apenas as do nome, como se verifica pela agramaticalidade dos exemplos (23c).

- (23) a) A vítima do acidente morreu. /Morreu a vítima do acidente.
 b) A vítima do acidente morreu esta manhã./ Esta manhã morreu a vítima do acidente.
 c) *A ela do acidente morreu esta manhã./ *Ela do acidente morreu esta manhã./ Ela morreu esta manhã.

Os complementos, categorialmente muito distintos, são obrigatórios, sendo selecionados pelo verbo e integrando a chamada grelha argumental. No entanto, o predicado pode incluir, além do verbo e dos complementos, grupos não selecionados, os modificadores ou adjuntos, como é o caso de “todos os dias”, “hoje”, “no Inverno”, “muito”, “durante a manhã” e “esta manhã” nos exemplos presentes no quadro II. Estes modificadores dão informação de tempo e frequência (ou modo e lugar noutros casos) e não interferem na classificação do verbo ao nível da transitividade, continuando a ser intransitivos. Os complementos distinguem-se dos modificadores pela sua obrigatoriedade e funcionamento sintático quando aplicados determinados testes sintáticos, como veremos no ponto seguinte deste artigo. Independentemente do número de modificadores que os predicados cujo núcleo é um verbo intransitivo contenham, o verbo não deixa de ser intransitivo, dado que os termos intransitividade/transitividade se distinguem pela ausência/presença de argumentos (complementos) e ignoram a (in)existência de adjuntos ou modificadores. No quadro II, os argumentos estão entre parênteses retos e os modificados entre parênteses curvos.

Quadro II- Verbos intransitivos e suas propriedades sintáticas

Verbos intransitivos		Propriedades sintáticas
chover	Chove. Chove (todos os dias) _{mod} (no Inverno) _{mod} . (Hoje) _{mod} chove (muito) _{mod} .	0 argumentos externos (sujeito) 0 argumentos internos (complementos)
espirrar	[O menino] _{arg} espirrou. [Ele] _{arg} espirrou (muito) _{mod} (durante a manhã) _{mod} .	1 argumento externo (GN, sujeito) 0 argumentos internos (complementos)
morrer	[A vítima do acidente] _{arg} morreu. [A vítima do acidente] _{arg} morreu (esta manhã) _{mod} . (Esta manhã) _{mod} morreu [a vítima do acidente] _{arg} .	1 argumento interno (GN, sujeito) 0 argumentos internos (complementos)

Os verbos intransitivos, ao nível do ensino, são apenas propostos como conteúdo a abordar no 7.º ano de escolaridade, ano em que é também contemplada a distinção entre complemento e modificador.

Quanto à transitividade, os verbos que podem ocorrer com complementos ou argumentos internos são denominados verbos transitivos, sendo o número de argumentos e a categoria a que pertencem que distingue os subtipos de verbos transitivos. Se o verbo transitivo seleciona um argumento interno denomina-se transitivo direto (se o complemento for GN) ou transitivo indireto (se o complemento for GPrep ou GAdv); se o verbo selecionar dois argumentos denomina-se ditransitivo ou transitivo direto e indireto, porque categorialmente são GN e GPrep/Adv, respetivamente; no caso de o verbo selecionar dois argumentos, um com a função sintática de complemento direto e um com a de predicativo do complemento direto, denomina-se transitivo-predicativo. Até ao final do 2.º Ciclo do EB está proposta a abordagem de verbos transitivos diretos e de verbos transitivos indiretos, sendo que os ditransitivos são referenciados para o 7.º ano e os transitivo-predicativos não são propostos para estudo no 2.º e 3.º Ciclos.

Observe-se o quadro III para alguns exemplos de frases com verbos transitivos de tipos diferentes. Dado que os complementos são obrigatórios para que a grelha argumental do verbo esteja completa e possamos ter um predicado verbal completo, estes não podem ser suprimidos, sob pena de termos frases agramaticais (cf. os exemplos com asterisco (*) no quadro III). Nos exemplos apresentados para os verbos *beijar*, *ir* e *dar* não foram integrados modificadores, mas estes podem ocorrer com qualquer tipo de predicado, independentemente das propriedades sintáticas e semânticas do núcleo.

Quadro III - Verbos transitivos e suas propriedades sintáticas

Verbos transitivos		Propriedades sintáticas
<i>beijar</i>	*A mãe beija. [A mãe] _{arg} beija [o filho] _{arg} .	1 argumento externo (GN – Sujeito) 1 argumento interno (GN - Complemento Direto)
<i>ir</i>	*O menino foi. [O menino] _{arg} foi [à escola] _{arg} .	1 argumento externo (GN – Sujeito) 1 argumento interno (GPrep - Complemento Oblíquo)
<i>dar</i>	*O Pai Natal deu. *O Pai Natal deu um presente. [O Pai Natal] _{arg} deu [um presente] _{arg} [a todos os meninos] _{arg} .	1 argumento externo (GN – Sujeito) 2 argumentos internos (GN - Complemento Direto; GPrep– Complemento Indireto)

Os verbos auxiliares nunca ocorrem no predicado isolados, estando sempre a auxiliar um verbo principal, na forma participial ou infinitiva, e com ele formando uma perífrase verbal (24). Os verbos auxiliares mais típicos são *ser*, auxiliar da passiva (conteúdo do 6.º ano, segundo o documento Metas Curriculares, cf. Buescu *et al.*, 2012: 47), e *ter* ou *haver*, auxiliares dos tempos compostos (previstos nas Metas Curriculares para o 5.º ano, cf. Buescu *et al.*, 2012:41). No entanto, há um grupo de verbos considerados semiauxiliares, por não responderem positivamente a todos os critérios de auxiliaridade, como é o caso de *poder* e *dever* (cf. Brito, 2003: 404-408).

- (24) a) O artigo foi escrito pela professora. (*ser* auxiliar da passiva)
b) A revista tem/há tido muita saída. (*ter* ou *haver* auxiliar dos tempos compostos)

Os verbos copulativos ou predicativos são verbos de ligação entre o sujeito e o predicado, constituindo núcleos verbais de predicados não verbais ou nominais (conteúdo gramatical proposto para o 6.º ano). Nestas frases, a predicação sintática e semântica encontra-se no constituinte com a função de predicativo do sujeito, como se ilustra nos exemplos (25).

- (25) a) O artigo é/parece/ficou muito bom.
b) A encomenda está/ficou/continua nos correios.

Neste artigo apenas nos ocupamos da análise da estrutura e do funcionamento de predicados verbais. Os predicados verbais, contrariamente aos nominais, têm como núcleo um verbo principal, pleno ou significativo.

3.2. O predicado verbal e os constituintes internos ao predicado

O verbo não tem, sintaticamente, “uma função que lhe seja primitiva” (Cunha & Cintra, 1984: 377), porém, individualiza-se pela função que desempenha no predicado e pelas propriedades de seleção semântica e sintática (cf. Duarte, 2003: 296). Dada a função nuclear que desempenha, considera-se núcleo de predicado verbal, não tendo, portanto, uma função sintática própria. Dentro do Predicado verbal, podem estar incluídos grupos com várias funções sintáticas, conforme a seleção semântico-sintática do verbo, havendo testes sintáticos que nos permitem distingui-los e mostrar que, tal como veremos a seguir, podem

ter diferentes estatutos na estrutura da frase: argumentos ou complementos se obrigatórios e adjuntos ou modificadores se opcionais.

Propriedades sintáticas dos constituintes internos ao predicado verbal:

A. Complemento Direto

O constituinte com a função de complemento direto (CD) pode ser categorialmente um grupo nominal (26) ou frásico (27), integrando a grelha argumental de verbos transitivos diretos (*abrir, comprar, beijar...*), ditransitivos (*dar, receber...*) ou transitivo-predicativos (*considerar, eleger...*).

- (26) O pai abriu *a prenda*.
- (27) O pai disse *que gostou da prenda*.

Alguns dos critérios ou testes sintáticos que se podem usar para determinar a existência e as propriedades de um CD são, por exemplo (cf. Duarte, 2003: 288; Gonçalves & Raposo, 2013:1165):

- (i) substituição pela forma acusativa do pronome pessoal (28a), se for nominal, e pelo demonstrativo *isso* ou *-o* (28b), se for de natureza frásica;
- (ii) formulação de interrogativa segundo o esquema *quem/o que é que Sujeito V?* (29), para CD [+humano] ou [-humano] respetivamente;
- (iii) transformação da frase ativa em passiva, passando o CD da ativa a Sujeito da passiva (30);
- (iv) construção com participio absoluto (31).

- (28) a) O pai abriu-*a*.
b) O pai disse - *o /isso*.
- (29) a) P: O que é que o pai abriu?
b) R: *A prenda*.
- (30) *A prenda* foi aberta pelo pai.
- (31) Aberta *a prenda*, cantaram-se os parabéns.

Os testes ou critérios para identificar o CD antes elencados devem ser utilizados criteriosamente e de forma articulada com os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e com os conteúdos a trabalhar num determinado ano de ensino. Assim, quanto à substituição de nomes por pronomes, este é um mecanismo muito produtivo no discurso e prevê-se o seu ensino desde o final do 1.º Ciclo do EB. Estando já este processo sintático dominado no 5.º ano, ainda que o aluno não saiba identificar explicitamente a função sintática do grupo

nominal que manipulou, é o momento ideal para capitalizar os conhecimentos anteriores e estabelecer a correlação com as funções sintáticas, nomeadamente as de Complemento Direto e as de Complemento Indireto (cf. Buescu, at al., 2012: G5; Obj. 25; desc. 1. e 2.).

No que se refere à transformação de frases ativas em passivas, como forma de manipular a deslocação de um CD, da frase ativa, para a posição de Sujeito sintático (função sintática já analisada no 4.º ano) da frase passiva, deve ser um processo sintática a trabalhar em articulação com os descritores 4. e 5., do objetivo 23, do domínio Gramática, previstos para o 6.º ano, especificamente: “transformar frases ativas em frases passivas e vice-versa” e “transformar discurso direto em discurso indireto e vice-versa”.

Estes critérios ou testes não têm funcionamento sistemático e nem todos permitem, com alto grau de certeza sintática, provar que estamos perante um complemento de um verbo principal com a função de CD. Entre os testes que normalmente parecem poder aplicar-se, mas que podem induzir em erro, está o da formulação de pergunta e resposta - *quem/o que é que Sujeito V?*. Se as subclasses do verbo ainda não estiverem dominadas (principal, auxiliar e copulativo), como se prevê, pela ordenação dos conteúdos subjacentes às metas (Buescu *et al.*, 2102), aquando do início da abordagem da função sintática *Complemento Direto*, no 5.º ano de escolaridade, a aplicação deste teste a frases com verbos copulativos, como a apresentada em (32), leva o aluno ao engano, uma vez que o constituinte e itálico é um predicativo do sujeito e não um CD, mas a frase permite a pergunta e a resposta (32b). Repare-se que a subclasse dos verbos copulativos e a função sintática predicativo do sujeito são conteúdos previstos apenas para o 6.º ano de escolaridade, portanto, depois do estudo do CD.

- (32) a) A prenda de aniversário do pai é *deslumbrante*.
b) P: A prenda é o quê?/ R: Deslumbrante.

Se os tipos internos de verbos principais, no âmbito dos tipos de verbos transitivos, não estiverem compreendidos e dominados, complementos de verbos como *beijar* (33) podem não ser facilmente identificados como CD, dadas as propriedades semânticas do referente do GN *o filho*, [+ humano].

- (33) a) O pai beijou [o filho]_{CD}.
b) P: O pai beijou quem?/R: o filho.

Neste tipo de predicados, o teste da substituição pelo pronome pessoal na sua forma acusativa (pronome pessoal átono de CD), como se ilustra em (34), permite comprovar

claramente que o constituinte *o filho*, em (33), é um CD e não um CI, ainda que possa constituir a resposta de uma pergunta com *quem?*

(34) O pai beijou *o filho*./O pai beijou-*o*./*O pai beijo-lhe.

Nesta perspetiva, o teste de pergunta/resposta com a estrutura *quem/o que é que Sujeito V?* não deve ser o primeiro a utilizar-se com alunos que estejam a iniciar-se no estudo destes conteúdos, sob perigo de generalizações e incorreções.

B. Complemento Indireto

O Complemento Indireto (CI) é categorialmente um grupo preposicional, introduzido, normalmente, pela preposição *a*¹⁰, e integra a estrutura argumental de verbos transitivos indiretos (*pertencer, agradar...*) ou ditransitivos (*dar, entregar, pedir...*). Este complemento pode também surgir realizado por um pronome pessoal átono numa das formas dativas (*me, te, lhe...*), sendo que o teste sintático mais típico para detetar este complemento é a substituição por pronome pessoal átono de 3.^a pessoa – *lhe/-lhes* (35b) e não podendo ser substituído pela forma acusativa (35c).

- (35) a) A mãe deu um livro novo [*ao filho*]_{CI}.
b) A mãe deu-*lhe* um livro novo.
c) *A mãe deu-*o* um livro novo.

Em frases cuja realização do complemento do verbo seja um pronome pessoal átono de 1.^a ou 2.^a pessoas, a comutação pela forma dativa de 3.^a pessoa (*-lhe/-lhes*) ou pela forma acusativa (*-o, -os, -a, -as*) permite distinguir o CI do CD, como se mostra nos exemplos (36) e (37), respetivamente. O asterisco (*) indica que a operação de substituição não é possível, resultando uma frase mal formada sintaticamente, o que quer dizer que o pronome pessoal átono –*me* em (36a) é um CI e em (37a) é um CD.

- (36) a) O João pediu-*[me]*_{CI} a borracha.
b) O João pediu-lhe a borracha.
c) *O João pediu-*a* a borracha.

¹⁰ Os constituintes iniciados pela preposição *para*, que até se assemelham a CI, estabelecem relações oblíquas com o verbo e não são verdadeiros complementos indiretos, como *para a Maria* e *para os meus pais* nas frases “O meu amigo pintou esse quadro para a Maria” (Duarte, 2003:294) e “Construí uma casa para os meus pais” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1176). Segundo Gonçalves & Raposo (2013), “os sintagmas com *a* e com *para* exibem comportamento sintático distinto, levando-nos a concluir que o sintagma introduzido por *para* não é um complemento indireto” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1178).

- (37) a) O pai beijou-[me]_{CD}.
 b) *O pai beijou-lhe.
 c) O pai beijou-a.

Na ordem básica de constituintes na frase, o grupo preposicional com a função sintática de CI ocorre à direita do CD, como se mostra em (35a), passando, porém, a estar imediatamente a seguir ao verbo se estiver pronominalizado (35b). Note-se que quer a competência de substituição por pronomes pessoais, quer a de ordem e posição devem já estar adquiridas e desenvolvidas à estrada no 2.º ciclo¹¹, uma vez que estes aspetos se interrelacionam.

De notar que outros complementos podem igualmente ser introduzidos pela preposição *a*, não sendo, contudo, um CI, pelo que a condição de substituição pelo pronome pessoal átono na forma dativa é necessária para a sua determinação e estatuto. A título de exemplo, veja-se a agramaticalidade da frase (38a) quando aplicado ao teste de substituição (38b). Nesta frase, o grupo preposicional “à escola” é um complemento oblíquo.

- (38) a) Os alunos chegaram à escola mais cedo que o normal.
 b) *Os alunos chegaram-lhe.

Considerando os grupos que desempenham as funções sintáticas de CD e de CI centrais nos enunciados, apresentamos, no quadro IV, uma correlação de descritores, em progressão, que, a serem concretizados desta forma, podem desencadear aprendizagens sólidas e coerentes no âmbito do estudo dos mecanismos sintáticos e no domínio das estruturas verbais.

Quadro IV - Abordagem do verbo: correlação na progressão entre descritores e objetivos

Domínios	Gramática 3º ano	Gramática 4º ano	Gramática 5º ano	Gramática 6º
Morfologia	Identificar as três conjugações;	Identificar pronomes	Identificar e usar paradigmas	Identificar e usar tempos e modos verbais

¹¹ No documento das *Metas Curriculares de Português*, de 2012, no domínio da Gramática, para o 4.º ano de escolaridade, no Objetivo “Conhecer propriedades das palavras e explicitar aspetos fundamentais da sua morfologia e do seu comportamento sintático” (G4; Ob. 28.) prevêm-se como metas a atingir: (i) identificar pronomes pessoais (forma átona), possessivos e demonstrativos (desc. 5.) e (ii) substituir nomes pelos correspondentes pronomes pessoais (desc. 7.).

	pronomes pessoais; conjugar verbos (desc. 27)	pessoais (forma átona) (desc. 28; obj. 5.)	flexionais verbais (desc. 23; obj. 3.) Identificar e usar tempos e modos verbais (desc. 23; obj. 4.)	(desc. 21; obj. 3.)
Classes de palavras	Nome Verbo Pronome (desc. 27)	Nome Adjetivo Verbo Pronome pessoal Preposição (desc. 29)	Verbo: principal e auxiliar (tempos comp.) Pronome pessoal Preposição	Verbo: principal, copulativo e auxiliar (tempos comp. e passiva) (desc. 22; obj. 1.)
Sintaxe	Expandir e reduzir frases, substituindo e deslocando palavras e grupos de palavras (desc. 28; obj. 4.)	Substituir nomes pelos correspondentes pronomes pessoais (desc. 28; obj. 7.)	Aplicar regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal (...). (desc. 25; obj. 1.) Identificar as seguintes funções sintáticas: sujeito, vocativo, predicado, compl. direto, compl. indireto (desc. 25; obj. 2.)	Aplicar regras de utilização do pronome pessoal em adjacência verbal (...). (desc. 23; obj. 1.) Identificar as seguintes funções sintáticas: predicativo do sujeito, compl. oblíquo, compl. agente da passiva e modificador (desc. 23; obj. 2.) Substituir o complemento direto e o indireto pelos pronomes correspondentes. (desc. 23; obj. 3.) Transformar frases ativas em frases passivas e vice-versa (desc. 23; obj. 4.)

C. Complemento Oblíquo

O Complemento Oblíquo (CO) pode ser categorialmente um grupo adverbial (39) ou um grupo preposicional (40), integrando a estrutura argumental dos verbos transitivos indiretos (*portar-se, ir, vir, gostar...*) ou transitivos ditransitivos (*colocar, pôr*). Sintaticamente, o CO não pode ser substituído pela forma dativa do pronome pessoal átono *-lhe* (40b) e não pode ser suprimido (39b) e (40c). Num teste de pergunta/resposta com o verbo *fazer*, para situações dinâmicas, ou *acontecer*, para situações não dinâmicas, o CO não pode vir na pergunta. Veja-se a agramaticalidade dos exemplos quando aplicados os testes:

- (39) a) Os alunos portam-se [bem]_{CO}.
b) *Os alunos portam-se.
c) P: O que é que os alunos fizeram bem?/R: *Portam-se.
- (40) a) Os professores vieram [para o Porto]_{CO}.
b) *Os professores vieram-lhe.
c) ?Os professores vieram.
d) P: *O que é que os professores fizeram para o Porto?/R: *Vieram.

Tradicionalmente, estes constituintes eram designados complementos circunstanciais, terminologia que não refletia a sua obrigatoriedade. Na verdade, esta designação albergava

todos os grupos adverbiais e preposicional, apenas pelo facto de terem núcleo adverbial ou preposicional, independentemente do seu estatuto na frase, argumento/complemento ou adjunto/modificador. Atualmente, com base em investigações recentes da Linguística Descritiva, faz-se a distinção entre complemento oblíquo (39) e (40) e adjunto ou modificador (41). O programa de português do ensino básico de 2009 (Reis *et al.*, 2009) e o Dicionário Terminológico (DT [*Online*], 2008) contemplam já esta necessária distinção.

(41) O rapaz falou [bem]_{MO}.

D. Modificador Oblíquo

O Modificador Oblíquo (MO) ou Modificador do Grupo Verbal não é selecionado pelos verbos que o acolhem, embora integre o sintagma com a função de predicado. Pode acompanhar quer verbos intransitivos (*tossir, chover, sorrir...*), quer transitivos dos vários tipos (diretos, indiretos, ditransitivos e transitivo-predicativos), podendo ser suprimido sem causar agramaticalidade (42b) e (43b), em contraste com (43c). Os constituintes *bem* e *no inverno* são modificadores do grupo verbal, nas frases em que ocorrem, e *para o Porto* é complemento oblíquo do verbo *ir*.

Se aplicarmos o teste de pergunta/resposta com o verbo *fazer* ou *acontecer*, os sintagmas com a função de modificador podem ser incluídos na pergunta, contrariamente ao que acontece com os complementos, sendo o que justifica a boa formação do par pergunta resposta em (42c) e (43d) e a má formação do par em (43e).

(42) a) Os alunos leem (bem)_{MO}.
b) Os alunos leem.
c) P: O que é que os alunos fazem bem?/R: Leem.

(43) a) Os professores foram [para o Porto]_{CO} (no inverno)_{MO}.
b) Os professores foram para o Porto.
c) *Os professores foram.
d) P: O que é que os professores fizeram no inverno?/R: Foram para o Porto.
e) *P: O que é que os professores fizeram no Porto?/*R: Foram no inverno.

O modificador pode coocorrer com os vários tipos de verbos quanto à transitividade e pode expressar várias ideias, lugar, tempo, modo, fim ou destino.

O complemento oblíquo e o modificar são conteúdos apenas propostos para o 6.º ano de escolaridade, segundo os descritores e os objetivos constantes das *Metas Curriculares* (Buescu *et al.*, 2012: 54).

E. Predicativo do Complemento Direto

O Predicativo do Complemento Direto ocorre com verbos predicativos-transitivos (*considerar, eleger, ter por...*), sendo obrigatório para a gramaticalidade da frase. A identificação do predicativo do CD pode ser realizada através da substituição do CD e do predicativo por uma oração completiva finita (44b).

- (44) a) Os turistas *consideraram* a cidade [encantadora]_{predicativo do CD}.
b) Os turistas consideram que a cidade é encantadora.

O predicativo e o CD estabelecem entre si uma relação de predicação, sendo que o verbo copulativo fica omissos, denomina-se oração pequena/reduzida ou predicação secundária¹². Quando se realiza a paráfrase por oração completiva finita, o verbo copulativo passa a realizar-se. Na frase (44), o predicativo do CD é de natureza adjetival, pelo que concorda em género e número com o CD.

Se fizermos uma pergunta de confirmação, na resposta o predicativo do CD surge numa retoma sob a forma de uma categoria vazia (anáfora por elipse), como em (45b).

- (45) a) Os moradores *elegem* o Sr. João [representante do condomínio]_{predicativo do CD}.
b) P: Os moradores elegem o Sr. João representante do condomínio?
R: Sim, elegem [-]. ([-] = o Sr. João representante do condomínio)

O predicativo do CD não está previsto nem para o 2.º, nem para o 3.º ciclo do EB, segundo Buescu *et al.* (2012).

F. Complemento agente da passiva

O Complemento agente da passiva ocorre em frases passivas, cujos verbos, na forma ativa, seleccionam um CD. A alternância ativa/passiva pode ser utilizada como um teste sintático para determinar as funções sintáticas Sujeito e CD, uma vez que os constituintes com estas funções quando a frase se transforma em passiva passam, respetivamente, para Complemento Agente da Passiva e Sujeito, como se ilustra em (46b).

- (46) a) [O pai] abriu [a prenda].

Categoria:	GN	GN
Função sintática:	Sujeito	CD
Função semântica:	Agente	Objeto

¹² A oração pequena é um exemplo, no Português, de orações copulativas sem verbo realizado. Há línguas do mundo, sejam orais, sejam gestuais, que não dispõem de verbos da classe copulativos. Na Língua Gestual Portuguesa, uma frase como “O menino é bonito” realiza-se sem verbo, “MENINO BONITO”.

b) [A prenda] foi aberta [pelo pai].

Categoria:	GN	GPrep
Função sintática:	Sujeito	C. Agente Passiva
Função semântica:	Objeto	Agente

Os esquemas anteriores mostram que na passagem da ativa para a passiva se alteram a categoria e a função sintáticas dos constituintes, porém, mantém-se a função semântica desses constituintes. A função semântica (ou papel temático) especifica o tipo de relação semântica que associa cada argumento à palavra predicativa que o selecionou (Duarte & Brito, 2003: 183-190), neste caso, o verbo.

O argumento Sujeito da frase ativa e o Complemento agente da passiva, na frase passiva, desempenham igualmente a função semântica de Agente. Porém, a relação categorial altera-se e tal facto representa uma das questões problemáticas ao nível da abordagem da transitividade, uma vez que o GN sujeito (na frase ativa), argumento externo do verbo, passa a realizar-se como GPrep, portanto, com uma relação oblíqua, e pode não ser realizado na frase passiva.

Em anexo a este artigo, apresenta-se o quadro V, como forma de síntese de conteúdos e de objetivos correlacionados no ensino do verbo e dos constituintes da frase que, de alguma forma, são selecionados ou circulam em torno do verbo, contemplando uma pesquisa no domínio da gramática nos Programas de Português do Ensino Básico (Reis *et al.*, 2009) e nas Metas Curriculares de Português (Buescu *et al.*, 2012) e apresentando-a de forma progressiva¹³.

3.3. Problemática da (in)transitividade de alguns verbos

Existe, em Português (e outras línguas do mundo), um conjunto de verbos que são problemáticos quanto à subclasse, uma vez que evidenciam alternância transitiva, e que põem em causa as noções clássicas de transitividade/intransitividade. Duarte (2003: 305-316) classifica-os de verbos principais de alternância, dado que admitem variantes. Nesta circunstância encontram-se, por exemplo, verbos como *comer*, *dançar*, *estudar* e *escrever*.

¹³ O fundo azul contém a pesquisa no documento das Metas Curriculares e o fundo branco a pesquisa nos Programas.

- (47) *comer*
- a) O bebê come (bem). [variante intransitiva]
 b) O bebê come a sopa (bem). [variante transitiva]
- (48) *dançar*
- a) Os rapazes dançam (amanhã). [variante intransitiva]
 b) Os rapazes dançam a nova coreografia (amanhã). [variante transitiva]
 c) Os rapazes dançam uma dança estranha. [variante transitiva]
- (49) *estudar*
- a) Os alunos estudam. [variante intransitiva]
 b) Os alunos estudam a classe dos verbos. [variante transitiva]
- (50) *escrever*
- a) O poeta escreveu. [variante intransitiva]
 b) O poeta escreveu um novo romance. [variante transitiva]

Tradicionalmente, os verbos *estudar* e *escrever* são considerados intransitivos; porém, é também frequente o seu uso transitivo, como se verifica em (49) e (50). As alternâncias ilustradas dizem respeito ao número de argumentos presentes nas grelhas argumentais dos predicadores: em (49), o verbo *estudar* aparece em construções com duas grelhas argumentais distintas, ora com dois argumentos (um externo e um interno) ora com apenas um argumento (externo); o verbo *escrever* revela, pelos dados de (50), poder estar associado também a duas grelhas argumentais ou, pelo menos, a duas variantes bem distintas: com dois argumentos (um externo e um interno) ou com apenas um argumento (externo). A mesma situação é encontrada em (48), com o verbo *dançar*, e em (47) com *comer*.

A premissa de que se parte, tradicionalmente, quando se pretende relevar os critérios de transitividade, é a de que o verbo transitivo seleciona um argumento interno, fundamentalmente um OD, sintática e semanticamente. Alguns critérios podem ser usados para determinar a transitividade e nomeadamente a existência de um OD, como se verificou no ponto anterior deste artigo. No entanto, estes critérios não funcionam uniformemente com todos os predicados, como já notado por diversos autores (Campos, 1999; Duarte & Brito, 2003). Não há, portanto, critérios universais que possam ser aplicados a todos os predicados, com todos os tipos de verbos e objetos, o que nos leva a repensar as noções e mesmo a pôr em causa a sua pertinência.

Se, por exemplo, aplicarmos o critério da presença/ausência de OD e da respetiva pronominalização, não fica completamente clara a distinção entre transitividade e intransitividade, pela diversidade de situações encontradas (cf. Choupina, 2013):

(i) **uns verbos admitem coocorrência com OD com facilidade e aceitam a sua pronominalização**, (51) a (54):

- (51) a) O menino come.
b) O menino come a maçã.
c) O menino come-a.

- (52) a) A secretária escreve.
b) A secretária escreve a carta.
c) A secretária escreve-a.

- (53) a) O aluno estuda.
b) O aluno estuda a lição.
c) O aluno estuda-a.

- (54) a) O homem fumou.
b) O homem fumou um charuto cubano.
c) O homem fumou-o.

(ii) **outros verbos não podem ocorrer com OD expresso, pelo que também aceitam a pronominalização com reservas**, (55) e (56); ou então pode acontecer que um verbo tenha duas “variantes” com sentidos ligeiramente diferentes (uma transitiva e uma intransitiva), como *trabalhar* (cf. (55b) e (55c)).

- (55) a) O pai trabalha.
b) *O pai trabalha um trabalho muito bem. / *O pai trabalha-o muito bem.
c) O pai trabalha a madeira muito bem. / O pai trabalha-a muito bem.

- (56) a) O homem viaja.
b) *O homem viaja a viagem belíssima.
c) *O homem viaja-a.

(iii) **outros verbos só podem ocorrer em construções com OD expresso** (57);

- (57) a) *O pai perguntou.
b) *O bebé pôs na mesa.

(iv) **e outros ainda podem ocorrer em construções com ou sem OD expresso**, dependendo das propriedades semânticas dos OD e de condições contextuais, como no par pergunta/resposta, em (58).

- (58) a) P: Tens livros?
R: Sim, tenho.
b) P: Tens os livros de história?

R: ?Sim, tenho./Sim, tenho-os.

A possibilidade de usar um verbo supostamente transitivo com ou sem OD expreso, em construções do tipo dos exemplos (58), parece depender de propriedades semântico-discursivas, como a indefinidade do objecto e as estruturas pergunta/resposta, (58a). Em (58b), a menor aceitabilidade de ?*Sim, tenho* é justificada por Campos (1999) pela definitude do OD (*os livros de história*), pois “cuando el complemento directo es indefinido, sempre es posible usar intransitivamente el verbo” (Campos, 1999: 1527).

Os termos transitividade e intransitividade são problemáticos, quando utilizados para classificar, de forma estanque e descontextualizada, os verbos e/ou as orações. Além dos exemplos anteriormente apresentados, outros verbos ilustram casos de estruturas de alternância, a título de exemplos vejam-se as frases com os chamados objetos cognatos (cf. Choupina, 2014), em (59), contendo verbos tradicionalmente intransitivos.

- (59) a) A mãe **chorou**./A mãe **chorou** *um choro piedoso*.
b) Agora **neva**./Agora **neva** *uma neve fria*.
c) **Dormi**./**Dormi** *um sono profundo*.
d) O António **cantou**./O António **cantou** *uma canção popular*.
e) Ontem **bebi**. /Ontem **bebi** *uma bebida alcoólica*
f) A vítima do acidente **morreu**./ A vítima do acidente **morreu** *de uma morte extremamente estúpida*.

Algumas conclusões

Tendo como assunto central o *predicado verbal*, numa abordagem sintática, neste artigo apresentou-se uma reflexão sobre alguns dos problemas levantados pelas noções de transitividade e intransitividade, no momento de fazer uma classificação sintática dos verbos ou de os integrar numa subclasse.

Dos dados observados, podemos concluir que as referências às noções de transitividade e intransitividade, no domínio da Gramática, no documento das *Metas Curriculares de Português do Ensino Básico* (Buescu *et al.*, 2012) se encontram apenas no plano das classes de palavras. Esta restrição do raio de abrangência das noções não abdica, contudo, do seu entendimento, dado que são noções sintáticas que norteiam a classificação dos verbos. Os verbos e as suas diferentes subclasses não são independentes das suas propriedades de seleção semântica e sintática, assim como não o são das estruturas em que ocorrem, nos discursos. A permanecerem estas noções tradicionais como

centrais, no ensino, para a classificação de tipos de verbos, ainda que problemáticas, como ficou demonstrado por diversos casos de alternância, devem ser utilizadas criteriosamente e de forma sustentada.

A classificação dos verbos com base na propriedade da transitividade (verbos transitivos vs. verbos intransitivos) é uma questão controversa, talvez mesmo desatualizada e não pode, de maneira nenhuma, depender exclusivamente de propriedades do item lexical isolado – o verbo – mas de toda a frase em que está realizado. Nesta perspectiva, os verbos devem ser integrados em subclasses e tipos a partir da análise sintática das frases e nunca a partir de uma lista de verbos descontextualizados.

Referências bibliográficas

Barbosa, J. S. (1822 [2004]). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Edição Fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. (2004). Lisboa: Academia das Ciências.

Barros, J. de (1539-40 [1971]). *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Edição de Buescu, M. L. C. (1971).

Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha de João de Barros. Reprodução Fac-similada, Leitura, Introdução e Anotações. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Brito, A. M. (2003). Categorias sintáticas. In Mateus, M. H. M. et al. (eds.) *Gramática da Língua Portuguesa* (5.^a ed.). Lisboa: Caminho. Capítulo 11, pp. 323-432.

Brito, A. M. & Duarte, I. (2003). Predicação e classes de predicadores verbais. In Mateus, M. H. M et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. Capítulo 7, pp.179-204.

Buescu, H. C. et al. (2012). *Metas Curriculares de Português. Ensino Básico 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: MEC/DGE

Campos, H. (1999). Transitividad e Intransitividad. In I. Bosque & V. Demonte (eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2. Madrid : Espasa Cape. Pp. 1519-1574.

Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Choupina, C. (2013). Regência, Transitividade e Intransitividade: Noções e Critérios. Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE. Dissertação de Doutoramento. Porto: FLUP. [Edição de Autor].

Choupina, C., Guedes, C. e Brito, A. M. (2010). Importância de critérios sintáticos para a determinação de tipos de verbos: dos verbos principais aos auxiliares e aos verbos leves. Comunicação apresentada ao 2º Encontro “A Linguística na Formação de Professores de Português”. 12 e 13 de julho de 2010, FLUP. (sem publicação)

Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

DT - Dicionário Terminológico (2008). URL: <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>

Duarte, I. (2003). Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In

Ernout, A. & Thomas, F. (1964). *Syntaxe latine*. 2ª ed. Paris: Klincksieck.

- Fiéis, M. A. (2002). Sobre o conceito de transitividade. In *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri. 285-298.
- Hopper, P. & Thompson, S. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. In *Language*, Vol. 56, 2, Linguistic Society of America. Pp. 251-299.
- Oliveira, F. (2003). Tempo e aspecto. In Mateus, M. H. M *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. Capítulo 6, pp. 127-178.
- Mateus, M. H. M. *et al.* (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. H. M *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Raposo, E. P. (1992). *Teoria da Gramática*. A Faculdade da Linguagem. Lisboa: Caminho.
- Raposo, E. P. *et al.* (orgs.) (2013). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Vol. II.
- Reis, C. *et al.* (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: ME/DGIDC.
- Rio-Torto *et al.* (2013). *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Villalva, A. (2008). *Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Quadro V- O Verbo e o Predicado: progressão nas Metas Curriculares de Português do Ensino Básico (Buescu *et al.*, 2012) e nos Programas de Português (Reis *et al.*, 2009)

Domínio da Gramática/Conhecimento Explícito da Língua – 1.º e 2.º Ciclo do EB						
Planos	1.º Ciclo – 1.º e 2.º anos		1.º Ciclo – 3.º e 4.º anos		2.º Ciclo – 5.º e 6.º anos	
Morfologia			(G3: 27; 2) Identificar as três conjugações verbais (G3: 27; 7) Distinguir palavras variáveis de invariáveis (G3: 27; 12) Conjuguar os verbos regulares e verbos irregulares mais frequentes (p.ex., dizer, estar, fazer, ir, poder, querer, ser, ter, vir) no presente do indicativo	(G4: 28; 12) Conjuguar verbos regulares e verbos irregulares muito frequentes no indicativo (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro) e no imperativo	(G5: 23; 3) Reconhecer e sistematizar paradigmas flexionais dos verbos. (G5: 23; 4) Identificar e usar os seguintes modos e tempos dos verbos regulares e de verbos irregulares de uso mais frequente: a) formas finitas – indicativo (presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito composto e futuro) e imperativo; b) formas não finitas – infinitivo (impessoal) e participio	(G6: 21; 3) Identificar e usar os seguintes modos e tempos verbais: a) formas finitas – condicional e conjuntivo (presente, pretérito imperfeito e futuro); b) formas não finitas . infinitivo (impessoal e pessoal) e gerúndio.
	Flexão verbal Tempos verbais – presente, futuro, pretérito (perfeito)		Palavras variáveis e invariáveis Flexão verbal - conjugação (1.ª, 2.ª, 3.ª) - pessoa (1.ª, 2.ª, 3.ª) singular, plural - número (singular, plural) Vogal temática Tempos verbais – presente, futuro, pretérito (perfeito, imperfeito) Modos verbais – indicativo, imperativo, condicional, infinitivo		Verbo regular - Vogal Temática: paradigma flexional da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugação - Formas verbais finitas: mais-que-perfeito do indicativo; condicional (tempo e modo); presente, imperfeito e futuro do conjuntivo - Formas verbais não finitas: gerúndio, participio, infinitivo pessoal Verbo irregular Verbos defetivos: impessoais; unipessoais; forma supletiva	
Classes de Palavras		(G2: 24; 1-4) Identificar: nomes; determinantes artigos; verbos e adjetivos	(G3: 27; 1,3) Identificar: nomes; pronomes pessoais (forma tónica); determinantes...	(G4: 29; 12) Integrar as palavras nas classes a que pertencem: verbo pronomes (pessoal) preposição	(G5: 24; 1c) Integrar as palavras nas classes a que pertencem: Verbo: principal e auxiliar (dos tempos compostos)	G6: 24; 1c) Integrar as palavras nas classes a que pertencem: Verbo: principal (intransitivo e transitivo), copulativo e auxiliar (dos tempos compostos e da passiva)
	Nome – próprio, comum (coletivo) Adjetivo Verbo		Determinante; quantificador numeral; nome; pronome pessoal (forma átona e tónica), possessivo, demonstrativo, interrogativo; adjetivo; Verbo – principal, copulativo, auxiliar Advérbio; preposição; conjunção coordenativa (copulativa); subordinativa (temporal, causal, final)		Classe aberta e classe fechada de palavras Verbo principal: intransitivo; transitivo direto, indireto, direto e indireto; copulativo; auxiliar (dos tempos compostos, da passiva, temporal, aspetual, modal). Preposição ...	
Sintaxe			(G3: 28; 4) Expandir e reduzir frases, substituindo e deslocando palavras e grupos de palavras	(G4: 30; 1) Identificar funções sintática: sujeito e predicado (G4: 30; 4) Expandir e reduzir frases, acrescentando, substituindo e deslocando palavras e grupos de palavras	(G5: 25; 2) Identificar funções sintática: Sujeito (simples e composto), vocativo, predicado, complemento direto, complemento indireto.	(G6: 23; 2) Identificar as seguintes funções sintática: predicativo do sujeito, complemento oblíquo, complemento agente da passiva e modificador.
	Frase, não-frase Sujeito e predicado Grupo nominal e grupo verbal Expansão do grupo verbal e nominal		Processos de concordância Frase simples, frase complexa Funções sintáticas – sujeito (simples composto), predicado, complemento direto, modificador, predicativo do sujeito Frase e constituintes da frase Grupo nominal (GN), Grupo verbal (GV), Grupo adverbial (GAdv)		Frase e constituintes da frase Grupo nominal (GN) Grupo verbal (GV) Grupo preposicional (GPrep) Grupo adverbial (GAdv) Concordância Funções sintáticas GN_Sujeito GV_Predicado GPrep e GAdv_Modificador de frase Sujeito: nulo Complemento: indireto; oblíquo; agente da passiva Modificador Predicativo do sujeito Vocativo Tipos de frase: ativa, passiva	